

<https://doi.org/10.26512/pól.v9i17.26596>

*Ensaio recebido em: 09/08/2019*

*Ensaio aprovado em: 06/12/2019*

*Ensaio publicado em: 10/02/2020*

**O PORTAL INTRANSPONÍVEL**  
uma análise de “O espelho”, de Guimarães Rosa

**THE INSURMOUNTABLE PORTAL**  
an analysis of “The mirror”, by Guimarães Rosa

*Elvio Fernandes Gonçalves Junior<sup>1</sup>*

*([elviofernandes.jr@gmail.com](mailto:elviofernandes.jr@gmail.com))*

**RESUMO**

O presente ensaio visa a examinar alguns aspectos do conto “O espelho”, de Guimarães Rosa. A matriz filosófica da narrativa em questão pode ser identificada desde sua forma, que toma a estrutura de um diálogo entre o narrador e um interlocutor não identificado. Ao verificar como o autor veicula diversos conhecimentos – filosóficos, psicanalíticos, herméticos –, é possível identificar um personagem que oscila entre o racional e o irracional ao refletir a respeito de sua própria identidade. Objetivamos, portanto, elucidar como tais elementos se configuram, alternam-se e se complementam, enquanto pistas, na composição do raciocínio do narrador e na própria estrutura da narração, para que possamos efetuar sua interpretação.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Filosofia. Psicanálise. Hermetismo.

**ABSTRACT**

This essay aims to examine some aspects of Guimarães Rosa's short story “O espelho” [“The mirror”]. The philosophical matrix of this narrative can be identified from its form, which takes the structure of a dialogue between the narrator and an interlocutor that is not identified. By verifying how the author conveys various types of knowledge – philosophy, psychoanalysis, Hermeticism –, it is possible to identify a main character which oscillates between the rational and irrational when reflecting on his own identity. Therefore, we aim to elucidate how these elements are configured, alternating and complementing each other as clues, in the composition of the narrator's reasoning and in the narration structure itself, so that we can perform its interpretation.

**Keywords:** Guimarães Rosa. Philosophy. Psychoanalysis. Hermeticism.

<sup>1</sup> Licenciado em Letras – Português e Linguística pela Universidade de São Paulo.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7404261023009949>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7106-7657>.



## 1. INTRODUÇÃO

Publicado em 1962, o livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, é composto por vinte e um contos. Dentre os diversos temas abordados, delinea-se um conflito essencial entre a cidade e o sertão, o que acaba por desenvolver outras dualidades bastante frutíferas para a análise e compreensão da obra, como o mito e a realidade, o eu e o outro, o aqui e o lá. A imagem que regula e permeia os contos é a da “margem”, compreendida aqui também em sentidos diversos: a margem da sociedade, a margem entre esta vida e a outra ou a margem entre loucura e lucidez.

Dessa forma, para pensar e refletir sobre as questões suscitadas pela obra, optamos por analisar o conto “O espelho”, tendo em vista que este ocupa posição central no livro, marcando a divisão entre os dez primeiros contos e os dez seguintes. Ora, em se tratando de Guimarães Rosa, não se pode julgar que tal composição é fruto do acaso; o autor prima pela composição elaborada de suas obras, veiculando sentidos e formas diversas para a criação plena do texto literário.

No conto em questão, a forma de diálogo já nos permite entrever a oposição clara entre um eu que busca compreender o processo pelo qual se constitui a identidade e um outro, relegado ao posto de ouvinte atento e suscitador de reflexões. Assim, entre o que se diz e o que se cala, o narrador-personagem veicula e organiza diversos saberes que partem da compreensão filosófica do assunto em direção à experimentação esotérica – duas margens, a princípio opostas, mas que confluem para um objetivo em comum: o conhecimento do ser.

## 2. PRIMEIRAS REFLEXÕES

Em *Primeiras estórias*, observamos o início de narrativas curtas em Guimarães Rosa. O livro é bastante marcado pelo número de personagens que possuem ou entregam a nós uma visão diferente do mundo. Diríamos, para usar o vocabulário de um dos contos, que são personagens ligados a uma espécie de “margem”, seja ela relacionada a aspectos sociais, em se tratando de personagens pobres, como em “A menina de lá”, ou aspectos psicológicos, como em “A terceira margem do rio”.

Podemos situar o espaço desses contos, quais margens abarcam, entre o Sertão e a Cidade: o primeiro é onde se preserva o imaginário e a visão mítica do sertanejo; a segunda, manifestação do progresso, transfigura essa visão mítica e



introduz o pensamento racional. Há então um conflito de valores, sendo que um não vence o outro. Por exemplo, a imagem do Jagunço, como aponta Luís Costa Lima (1991, p. 501), “começa a perder o seu prestígio de respeito”. Guimarães Rosa identificou a novidade, a mudança, mas ainda é o ensaísta quem fala; “longe de tremer pela novidade, porfia por incorporá-la ao seu universo” (LIMA, op. cit.). Temos assim o resultado em mãos: um livro em que há claramente a visão do progresso, da cidade, da tecnologia que surge, mas que também não deixa de lado a visão supersticiosa e cultural de um povo.

Por abarcar também a visão supersticiosa, mítica, é possível que abordemos o conteúdo do livro conhecendo-o como um terreno que não é o da clareza, ou seja, podemos conceber vários contos desse livro como pertencentes ao espaço do imprevisível. E o interessante é que esse espaço se situa paralelamente, poderíamos dizer, ao espaço histórico; são duas linhas, nunca bem delimitadas, que permeiam os contos desse livro e acabam muitas vezes por convergirem. É nessa conjunção que nos deparamos com o sentimento do fantástico, do misterioso, o sentimento de que algo alheio a nosso mundo o invade, puxando-nos o tapete da segurança e da lógica. É o que acontece em contos como “A terceira margem do rio” ou “A menina de lá”; porém, voltaremos nossa atenção para a experiência vivida pelo personagem do conto “O espelho”. Se nos dois contos mencionados anteriormente temos narradores que são testemunhas do fato misterioso, neste é o próprio narrador quem vive e relata sua experiência no ponto de convergência das linhas por nós descritas.

“O espelho” diferencia-se dos outros contos encontrados no livro por sua estrutura. Trata-se do recorte específico de um diálogo no presente em que se narra um acontecimento anterior ao momento da conversa: “– Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições” (ROSA, 2001, p. 119).

Essa forma de diálogo (note-se o travessão inicial e a forma do conto, tão semelhantes à forma de *Grande sertão: veredas*) no presente permite ao locutor demorar-se em suas reflexões; o que foi vivido no passado é reelaborado no presente por esse narrador, que tem um ouvinte que não se manifesta. É uma relação semelhante à que Adélia Bezerra de Meneses (2002, p. 21) desenvolve: o conto pode ser lido como uma sessão psicanalítica. E, não sem surpresa, encontramos paralelos com a psicanálise nesse conto. Mas não só. Não poderíamos diagnosticar o conto, limitá-lo somente a uma visão; podemos, sim, trazer outros saberes para auxiliar a análise interpretativa. Há que se notar não só a vertente psicanalítica, porto seguro de nossa análise, mas também a filosófica, uma vez que a estrutura dos diálogos remete diretamente a Platão. Temos aporte para justificar tal comparação,



já que o narrador do conto toma para si o papel de um investigador, um perscrutador que busca transmitir seus conhecimentos acerca de uma experiência. Ou ainda, podemos trazer uma vertente um tanto mais hermética que o conto e a estrutura do livro nos permitem entrever: a mística. Dessa forma, pinçando um pouco de cada uma dessas vertentes, tentaremos desbravar a borda das margens que se estabelecem diante de nós.

De modo semelhante ao conto “A terceira margem do rio”, temos três espaços delimitados no conto “O espelho”. Naquele, há a margem em que permanece a família que tenta em vão trazer o pai de volta, há a outra margem, que se alcança ao atravessar o Rio, e há uma terceira, estabelecida pelo pai e sua canoa: o centro, segundo Luís Costa Lima (op. cit.), “um sumidouro”. Neste, o espelho, plano refletor, media as margens, a saber: o plano do narrador, que é refletido, e o plano do reflexo que tanto causa “repulsa”, como veremos.

No entanto, é necessário diferenciar o narrador-personagem desse conto das outras personagens presentes no livro. De fato, diferentemente das outras narrativas de *Primeiras estórias*, esse narrador surge isolado e sua linguagem nos permite inferir uma personalidade erudita. Desse modo, por se parecer, como afirma Paulo Rónai (2001, p. 25), com “um desses solitários autodidatas da província que se emaranham nos fios de suas infundáveis especulações [...]”, esse narrador nos interessa enquanto ponto de confluência do racional e do irracional: trata-se de um homem estudado, diríamos cético, que presencia algo em um dado momento de sua vida, abala-se e surpreende-se – diferentemente dos outros, apenas testemunhas de maravilhosos prodígios efetuados por “habitantes das outras margens”, aquelas além da compreensão humana pautada no pensamento empírico. Assim, estamos diante de um narrador que presencia e efetua operações numa incessante busca de sua essência.

### 3. O INSTANTE DE CONSTERNAÇÃO

*Do lugar onde estou já fui embora*

Manoel de Barros<sup>2</sup>

Como vimos, a forma do conto é a de um diálogo em que não se manifesta o interlocutor. O que, então, tem a nos dizer o narrador? Narra-nos estranha experiência, que o fez penetrar no “conhecimento que os outros ainda ignoram” (ROSA, 2001, p. 119):

---

<sup>2</sup> In: *Poesia completa* (2010, p. 348).



O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade – um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. (ROSA, op. cit.)

Interessante notar que o conto se inicia nesse tom científico, com termos técnicos como “leis da óptica”. Mas o narrador nos confidencia: não é essa a matéria que se deseja narrar, mas sim outra. Outra dimensão se impõe a essa tão científica, ou antes, corta-a: “o transcendente”. Já nos lança a ambiguidade: “na verdade” um espelho é, então, janela para o desconhecido? Então se nos impõe a questão derradeira. Mas “fixemo-nos no concreto”, ao menos por enquanto.

Seguem-se reflexões acerca da natureza do espelho, questões a respeito do que por ele é refletido, sua fidelidade quanto ao que reflete. “Como é que o senhor, eu, os restantes próximos somos, no visível?” (ROSA, 2001, p. 120) – nem fotografias nos dirão, pois os “índices do misterioso” sobrepõem-se aos “dados iconográficos”. Além disso, “[...] os retratos sempre serão entre si *muito* diferentes” (ROSA, op. cit., grifo do autor). Notemos o destaque em itálico para a palavra “muito”. Poderíamos afirmar que o tempo é questão-chave para elucidar o destaque, é o “mágico de todas as traições”, pois a cada instante mudamos, nunca permanecemos os mesmos, e os olhos na verdade iludem, não servem de apoio para que o ser se afirme: são as “portas do engano”, não percebem estes “fenômenos sutis”:

Resta-lhe argumento: qualquer pessoa pode, a um tempo, ver o rosto de outra e a sua reflexão no espelho. Sem sofisma, refuto-o. O experimento, por sinal ainda não realizado *com rigor*, careceria de valor científico, em vista das irreduzíveis deformações de ordem psicológica. Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas. Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. (ROSA, op. cit., grifo do autor)

Por se tratar de uma narrativa que busca captar a essência do ser, o narrador faz menções a experimentos utilizados para alcançar seu objetivo. O trecho acima, fazendo menção ao “fluir de valores instantâneos”, é uma chave para a compreensão do conto, pois atesta que sequer o rigor de tais experimentos superaria a eterna mutação e “movimento deceptivo, constante” do rosto, que se manifesta física e psicologicamente. Estaríamos, dessa forma, diante de uma impossibilidade, tendo em vista que nesse sentido a mínima mudança de feição já bastaria para frustrar uma tentativa de captação da essência. Logo, o narrador invectivará contra essa instantaneidade das mudanças por meio das mais diversas abordagens. Note-se



a presença de palavras caras ao campo filosófico, como “sofisma”, “refutar”, “rigor”, para tratar de um experimento relacionado também com o esoterismo: observar formas num espelho. Realmente, o narrador por vezes ganha contornos que vão do renascentista ao iluminista, no sentido de que abarca diferentes conhecimentos para investigar seu objeto de análise. Então, surge com argumentos pautados no hermetismo e na mística para, logo em seguida, prover explicações e suposições de ordem racional e científica, fazendo-nos inferir que um objeto fugaz, que se altera abruptamente, deve ser abordado por diversos ângulos. Tal dualidade ganhará maiores detalhes no decorrer do conto.

O que todas essas acepções introduzem? Servem para embasar o que virá: a narrativa parte de toda uma base teórica e lógica de modo a construir alicerces que apoiem esse interlocutor, que parece desconfiar da verossimilhança dos fatos que se apresentam diante dele: “Vejo que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança quanto ao meu são juízo.” (ROSA, 2001, p. 121). Há aqui uma estratégia: para introduzir o que não é de natureza compreensível, parte-se daquilo que se pode compreender. Há todo um jogo de polos que se manifesta no conto: o Racional e o Irracional, o Concreto e o Abstrato, “Luz e Treva”, como será introduzido mais à frente etc. É necessário que esse narrador dê suporte ao interlocutor: “Fiquemos no terra-a-terra”.

Porém, como “algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente...” (ROSA, op. cit.), hora ou outra é necessário abrir o jogo. Todo esse aporte teórico está a serviço de algo. Que mais o espelho apresenta além de suas características diversas, diga-se do plano físico, como “côncavos, convexos, parabólicos”? A realidade é que os espelhos, além de terem toda a sua carga científica tão bem descrita nos manuais de física, apresentam uma dimensão alheia ao que conhecemos: a mítica. Daí que “são para se ter medo”. Esse narrador carrega, de infância, uma bagagem do mítico, da superstição:

Temi-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los, salvo as críveis exceções. Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. (ROSA, op. cit.)

E novamente, após pincelar um esboço mítico numa conversa do plano racional, é preciso afirmar: “Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-me com fantásticas não explicações? – jamais. Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro?” (ROSA, op. cit.). Note-se que o narrador oscila entre o fantasioso e o real. As polarizações o motivam por meio das dúvidas que causam –



“Sendo talvez meu medo a revivescência de impressões atávicas?” (ROSA, 2001, p. 122). Talvez. E a partir dessa pergunta o narrador mergulha no plano antes analisado apenas pelas margens:

O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a idéia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma. Via de regra, sabe-o o senhor, é a superstição fecundo ponto de partida para a pesquisa. A alma do espelho – anote-a – esplêndida metáfora. (ROSA, op. cit.)

“Inspirava receio” e ainda inspira. O receio é, como vimos, o combustível que faz o motor dessa narrativa mover-se. Mas por que o espelho é objeto de tamanha consternação dos povos e dos supersticiosos? Qual é a alma do espelho? Câmara Cascudo (1993, p. 311), em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, auxilia-nos na busca da resposta:

Os estudos de Frazer, Rank, Freud, Jung sobre as representações e equivalências da alma, espírito, sopro vital, vida entre os antigos, primitivos e povos de cultura rudimentar evidenciaram a universalidade desse complexo etnográfico e religioso. As superfícies polidas, refletindo as imagens, significam a existência do duplo, o outro eu, passível de perigos e riscos, como também a sombra do corpo, ou outra representação ou duplicação do eu.

205

E o narrador nos comprova, depois de “alongar-se”:

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício – faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, op. cit.)

Conhecemos então o fato, núcleo da narrativa, disseminador da dúvida e do estranhamento. O duplo causa o sentimento do “inquietante” freudiano, que, para surgir, “é necessário, como sabemos, um conflito de julgamento sobre a possibilidade de aquilo superado e não mais digno de fé ser mesmo real [...]” (FREUD, 2010, p. 372). Ou seja, esse duplo do narrador caracterizar-se-ia por algo de seu íntimo, reprimido, que retorna mediante o jogo de reflexos. No caso, retorna como imagem que contradiz o estado descrito pelo narrador à época do evento: “Eu era moço, comigo contente, vaidoso.” (ROSA, op. cit.). Em contraposição à aparente conformidade com o estado de contentamento, o eu depara-se com uma manifestação de seu interior que é repulsiva, hedionda. Podemos



dizer também que se trataria de repressões da ordem da superstição interiorana, bagagem carregada desde a infância, pois nas palavras de Gershom Scholem (1972, p. 22), filósofo e historiador judeu-alemão, “a esfera mística é o local de encontro de dois mundos ou etapas no desenvolvimento da consciência humana: um primitivo e outro desenvolvido, o mundo da mitologia e o mundo da revelação”. Nesse sentido, ocorre uma efusão do pensamento mágico no âmbito do real e o conto, portanto, configura-se como tentativa de verbalizar tal evento que parece abalar os alicerces da realidade.

#### 4. PASSOS PARA A ANULAÇÃO

*Tem mais presença em mim o que me falta*

Manoel de Barros<sup>3</sup>

206 A partir da visão derradeira, inicia-se o longo período de investigação, de busca por uma identidade que se mostrou num relance. E mesmo nesse tempo não nos escapam os polos do racional e do irracional, pois o narrador nos assegura que trabalhou com todas as ferramentas de que dispunha, como a verificação física dos “ângulos variados incessantemente”. Há então uma caça pelo “aspecto formal”, e não por um “*modelo* subjetivo preexistente” que ampliamos “mediante sucessivas capas de ilusão”. “Modelo” é aqui entendido como “estereótipo” social, ao qual são adicionados objetos referentes a padrões impostos socialmente. O que esse eu busca é o âmago, o cerne da existência e, para isso, é necessário despojar-se do ilusório:

Mirava-me, também, em marcados momentos – de ira, medo, orgulho, abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza. Sobreabriram-se-me enigmas. Se, por exemplo, em estado de ódio o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio refluí e recrudesce, em tremendas multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis no centro do segredo. (ROSA, 2001, p. 123)

Vê-se no trecho acima que o narrador acaba por reconhecer um conflito interno: o “odiar a si mesmo”, odiar a um outro que é complementar, odiar um duplo. Os olhos, “no centro do segredo”, parecem remeter a um centro também duplo: o centro da face refletida e o centro do espelho em si. E o narrador necessita então desvendar esse mistério que é a face,

---

<sup>3</sup> In: *Poesia completa* (2010, p. 345).



apagar quaisquer traços que ocultem sua verdadeira forma. A “máscara” é a própria face dotada de seus aparatos ilusórios, “deceptivos”. É o “rosto externo”.

O narrador, que antes tanto se afirmou racional, para colher resultados frutíferos passa a utilizar das ferramentas da abstração, do místico, para encontrar-se. É necessário aprender a “não ver”, encontrar um “*modus* de focar” que é o “olhar não-vendo”. O primeiro elemento a ser excluído do “rosto externo” é o que há de semelhança com o animal, o “*reliquat bestial*”. Para isso, recorre aos estudos de “um mestre” na “ciência de Lavater”, ou seja, a fisionomia (ou fisiognomonía). Thomas Browne, a cujos estudos Lavater recorreu para desenvolver seus conceitos, nos explicará:

[...] there is surely a Physiognomy, which those experienced and Master Mendicants observe, whereby they instantly discover a mercifull aspect, and will single out a face, wherein they spy the signatures and markes of mercy: for there are mystically in our faces certaine characters which carry in them the motto of our Soules [...]. (BROWNE, 1643, p. 135)<sup>4</sup>

Há então um conjunto de traços, dentre eles o “animal”, de que se compõe a face humana, que carrega traços da alma em si. Não é de surpreender que, ao despojar-se de todos os traços, como “elementos hereditários”, “paixões manifestadas ou latentes”, “o que ressaltava das desordenadas pressões psicológicas transitórias” e “o que, em nossas caras, materializa idéias e sugestões de outrem” (ROSA, 2001, p. 125), ao trabalhar com tamanho afínco em sua anulação, esse narrador tenha começado a “sofrer dores de cabeça”. Presente na narrativa, a imagem da Prudência, alegórica, do espelho rodeado pela serpente, é importante: parece mostrar-nos que na busca pelo autoconhecimento é necessário cautela. A serpente é utilizada como imagem do que prejudica o ser em sua busca interior, especular. Da mesma forma, convém ao narrador lembrar-se de Terêncio, cujas comédias sempre acabavam por trazer um tom moralizante e recomendações de prudência: “De golpe, abandonei a investigação. Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho.” (ROSA, op. cit.)

E assim o narrador abandona sua investigação, dela se esquece até que, novamente, a surpresa se coloca:

Um dia... Desculpe-me, não visio a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que olhei num

<sup>4</sup> “[...] há certamente uma Fisiognomia, que aqueles experientes e Mestres Mendicantes observam, pela qual instantaneamente descobrem um aspecto piedoso e destacam uma face, em que analisam as assinaturas e marcas da piedade: pois há misticamente, em nossas faces, certos caracteres que carregam consigo a motivação de nossas almas [...]” (tradução livre nossa)



espelho e não me vi. Não vi nada. Só dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era – o transparente contemplador? (ROSA, 2001, p. 126)

Surge então o “não-ser”. Depois de retirar tudo o que lhe conferia identidade, deu-se que não surgiu o esperado, a imagem tanto buscada. O que era para ser excluído no reflexo, de modo a ser vislumbrado um aspecto primeiro, acabou por ser excluído na face física. “Então, o que se me fingia de um suposto *eu*, não era mais que, sobre a persistência passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine?” (ROSA, op. cit., grifo do autor). Sempre a dúvida. Porém, como atesta o narrador, “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2001, p. 119).

## 5. UM INQUIETANTE RENASCER

*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê*

Manoel de Barros<sup>5</sup>

208

“Estará pensando que, do que eu disse, nada se acerta, nada prova nada. Mesmo que tudo fosse verdade, não seria mais que reles obsessão auto-sugestiva, e o despropósito de pretender que psiquismo ou alma se retratassem em espelho...” (ROSA, 2001, p. 127) – inicia-se nova fase no conto com esse trecho. Se antes prevalecia uma espécie de terror e estranhamento, agora começa uma reelaboração da repulsa: “Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei – não rosto a rosto. O espelho mostrou-me” (ROSA, op. cit.). O espelho agora toma a ação; decide, enfim, elucidar o mistério. Começa a delinear-se surpreendente e comovente forma:

São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde – por último – num espelho. Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava – já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. (ROSA, op. cit.)

Vemos então que esse “eu”, após identificar-se como figura hedionda e após a anulação, deixou espaço para uma reelaboração. No espaço vazio que o processo de despojamento deixou, o encontro entre “conformidade e alegria” fez renascer uma imagem que é de

---

<sup>5</sup> In: *Poesia completa* (2010, p. 350).



consonância com o estado do narrador. Antes, julgava-se contente consigo, mas seu âmago dizia o contrário. Agora pode dizer:

Sim, vi a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto – quase delineado, apenas, mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá? (ROSA, op. cit.)

209 Renascimento. O tempo muda de direção e velocidade, e mesmo assim permanece a dúvida. Sempre a dúvida, porque a forma dual do conto não permite certezas. É um narrador que se identifica em muitos aspectos com um interlocutor que não se manifesta: identifica-se no amor pela ciência, no amor pelo estudo, são ambos do interior. As semelhanças se multiplicam de forma que poderíamos mesmo encarar esse interlocutor como um outro duplo do narrador. Mas ainda assim o espelho que suscita o “eu” dentro do narrador levanta questões, vislumbre do impenetrável. O espelho: terceira margem, impalpável. Mostra o que há além, em outra margem que não esta, mas não possibilita o contato, portal do impossível, do fantástico. Se nas outras narrativas já mencionadas de *Primeiras histórias*, Nhinhinha fez a travessia desta margem para a outra, se o pai, com a canoa, decidiu permanecer no ponto intermediário, esse narrador teve de permanecer em sua margem, do humano, da incerteza, e trabalhar com o que lhe é permitido. E com esse trabalho árduo pôde passar do polo da treva ao polo da luz. Se antes os enigmas sobressaíam-lhe de diversas maneiras, se antes a imagem não se distinguia, agora a iluminação vem pura, cristalina, infante.

Surpreende tanto *O espelho*, pois não nos deixa sair da margem: impõe a nós sempre a ambiguidade. Tudo é e não é com esse conto. Inaugura o espaço do Talvez. É o encontro de um homem com suas repressões e recalques, mas também é o encontro de um homem com suas reminiscências do mítico. É também uma “revivescência das concepções míticas” (SCHOLEM, 1972, p. 34). A busca continuará indefinidamente: “Será, se? Apalpo o evidente? Tresbusco” (ROSA, op. cit.). Antes de o interlocutor finalmente tomar a palavra, encerra-se o conto e ficamos suspensos. A narrativa, portanto, ganha a forma de um ensaio filosófico sobre a busca da identidade e da redenção.

E por fim há o nosso “salto mortale”, em que, ao sairmos do trampolim, não caímos ao chão. Flutuamos, como flutuam as especulações do narrador, aquele que descobriu que “as grandes surpresas nos esperam ali onde tivermos aprendido por fim a não nos surpreender com nada, entendendo por isto não nos escandalizarmos diante das rupturas da



ordem” (CORTÁZAR, 1993, p. 179). Permanecemos nesse limbo do acaso, permeado pelos “transviados acertos” e “esbarros titubeados” da ciência.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BROWNE, Thomas. *Religio Médici*. Acervo digital da Universidade de Chicago. <<http://penelope.uchicago.edu/relmed/relmed.html#page135>>. Acesso em agosto de 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

CORTÁZAR, Júlio. Do sentimento do fantástico. In: \_\_\_\_\_. *Valise de Cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 14*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIMA, Luiz Costa. O mundo em perspectiva: Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa (fortuna crítica)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MENESES, Adélia Toledo Bezerra de. Grande sertão: veredas e a psicanálise. *Scripta*, v. 6, n. 10 – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiros da PUC-Minas. Belo Horizonte, 2002, p. 21-37.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. O espelho. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHOLEM, Gershom. *A mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

